

REVISTA DA  
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA

## SITIENTIBUS

## ESTUDOS DA TRADUÇÃO

ARTIGO

## TRADUÇÃO DE TEXTOS POÉTICOS: DIFICULDADES E IMPLICAÇÕES

*TRANSLATION OF POETIC TEXTS: DIFFICULTIES AND IMPLICATIONS*

ADY SÁ TELES SANTANA

Doutora em Educação pela Universidade Internacional Iberoamericana. Professora da Universidade Estadual de Feira de Santana  
E-mail: astsantana@uefs.br

DOMINIQUE CONCEIÇÃO SANTOS

Graduanda em Letras: Português e Francês pela Universidade Estadual de Feira de Santana, Bolsista PROBIC/UEFS  
E-mail: dominiqueconceicao2@gmail.com

JULIANA RIBEIRO CARVALHO

Mestre em Estudos Literários. Professora da Universidade Estadual de Feira de Santana. E-mail: jribeiroc@uefs.br

## RESUMO

Esse artigo trata da tradução de textos poéticos e das dificuldades e entraves encontrados no processo tradutório desse gênero textual, levando em consideração sua complexidade linguística e as diversas possibilidades na construção de sentidos impostas pela ação tradutória como uma forma de criação. Para tanto, a metodologia de análise tem como aspecto fundamental a leitura de textos teóricos sobre teoria da tradução, exemplo de OBEHIELS (2012), ESEKI-DÉPRÉ (2012) e RACOVÁ (2014) além de outras que sustentaram nossas reflexões. O objetivo maior de nosso estudo é demonstrar que não há uma definição hermética sobre o conceito de tradução, assim como não se pode limitar a tradução a uma mera decodificação da língua do texto de partida. Para isso, além de fazermos uma leitura teórica embasada em conceitos específicos da área, apresentamos uma tradução como forma de explicar esse processo.

**Palavras-chave:** Teoria da tradução. Textos poéticos. Língua. Construção de sentidos.

## ABSTRACT

This article deals with the translation of poetic texts and the difficulties and barriers encountered in the translation process of this textual genre, taking into account its linguistic complexity and the different possibilities in the construction of meanings imposed by the translation action as a form of creation. To this, the analysis methodology has as its fundamental aspect the reading of theoretical texts on translation theory, such as OBEHIELS (2012), ESEKI-DÉPRÉ (2012) and RACOVÁ (2014) as well as others that supported our reflections. The main goal of our study is to demonstrate that there is no hermetic definition of the concept of translation, just as translation can not be limited to a mere decoding of the language of the source text. For this, in addition to carrying out a theoretical reading based on specific concepts in the area, we present a translation as a form of explaining this process.

**Keywords:** Theory of translation. Poetic texts. Language. Construction of sense.



## 1 Introdução

Este artigo tem como objetivo principal discutir as implicações e dificuldades encontradas no processo de tradução de textos poéticos. Nesse sentido, desenvolvemos, ao longo de nossas pesquisas, diversas leituras sobre este tema que nos permitiram refletir e trazer à tona as angústias que surgem, ao darmos início à leitura de uma poesia, com o pensamento no como traduzir e para que traduzir?

Com essa perspectiva, levantamos alguns questionamentos e começamos a nos indagar sobre o tema. As perguntas que foram surgindo ao longo das discussões deram embasamento para a produção desse texto que aqui apresentamos como resultado das reflexões feitas até o momento. Nosso suporte teórico de base são as seguintes referências sobre tradução de poesia: OBEHIELS (2012), ESEKI-DÉPRÉ (2012) e RACOVÁ (2014) além de outras leituras que sustentaram as reflexões que aqui apresentamos.

Nossa análise tem como aspecto fundamental a tradução no âmbito da literatura, porque fizemos inicialmente, um estudo com base na produção poética. Essa escolha se explica pelo fato de estarmos conectadas através das disciplinas de Literatura Francesa, componente curricular do curso de Letras: Português e Francês da Universidade Estadual de Feira de Santana, o qual é ofertado a partir do quarto semestre aos estudantes do curso e que foi e é ministrado por nós professoras, nos permitindo ao longo de nossa experiência, perceber que através da tradução, o estudante de Francês desenvolve uma competência cognitiva elementar crucial para a compreensão dos textos em língua estrangeira, a partir do momento em que se apropriam da leitura para o processo de tradução. Nesse interstício entre o texto lido e o texto traduzido há o espaço da reflexão e assimilação, componentes que contribuem de forma efetiva para aperfeiçoar os conhecimentos linguísticos e culturais da língua de partida, propiciando um aprendizado mais eficaz e prazeroso, visto que a cada descoberta, percebemos uma satisfação em traduzir.

Destarte, apresentamos nossa consideração inicial para em seguida desenvolvermos uma síntese sobre as primeiras experiências tradutórias, as quais tiveram seu início com os escritos bíblicos e assim poderemos compreender os motivos que levaram a uma necessidade de se traduzir. Na sequência analisamos o tradutor como um autor em potencial, visto que nossa reflexão sobre o trabalho do tradutor não se limita a apenas uma transposição de um texto de uma língua para outra, mas sim, uma atividade criativa que envolve aspectos cognitivos e conhecimentos socioculturais das duas línguas envolvidas.

As considerações finais nos trazem uma reflexão sobre nossa perspectiva de análise o que nos remete a um complexo e real desejo de continuar nossas pesquisas e aprofundar cada vez mais nossa compreensão sobre o tema que se apresenta de forma instigante a cada discussão que propomos.

## 2 Consideração inicial

Traduzir não é uma tarefa fácil, requer larga experiência e conhecimentos diversos que entrelaçam as línguas/culturas no processo de tradução. Qualquer língua que se propõe traduzir envolve os aspectos culturais e linguísticos em foco. Ao se tratar da tradução de texto poético, a tarefa é ainda mais árdua, pois não estamos falando de uma comunicação direta e informativa, e sim de possibilidades linguísticas que se apresentam a partir das metáforas e figuras de linguagem que fazem parte da poesia em sua essência.

Aqui trazemos uma discussão que não se pretende limitar às nossas impressões e sim fazer uma reflexão sobre o processo tradutório e como nos deparamos com situações inusitadas ao desenvolver a atividade em traduzir determinadas expressões e palavras. Para tanto, tomemos como ponto de partida a seguinte citação de OSEKI-DÉPRÉ (2012) ao afirmar que:

La traduction poétique se pose alors comme un cas de "translation", à savoir, une traduction accompagnée d'un commentaire, d'une explicitation contextuelle, voire méta-linguistique. Ce qui tendrait à conforter l'idée que la poésie, tout en étant une expérience singulière, à caractère universel, est liée à son contexte, son époque, sa langue et qu'en définitive, la traduction, comme la réception, a son heure. (OSEKI-DEPRE, 2012, p. 16).<sup>1</sup>

A partir desta citação, verificamos que o texto traduzido não é resultado de mera transposição de uma língua para outra, e sim uma releitura significativa que se constroi no âmbito das relações contextuais (tempo/espaço), assim como das relações cognitivas e afetivas do autor/tradutor. Queremos reforçar que não basta conhecer a língua e o seu contexto, mas, e sobretudo, compreender o *savoir-faire* da tradução como um ato de apropriação do texto de partida para sua ressignificação no texto de chegada, onde sua tessitura se desenvolve como um entrelaçar das línguas envolvidas no processo tradutório em que o tradutor age como um recriador ou mesmo um criador de uma determinada obra de arte, tal que se espelha em outra já existente.

Também para reforçar nossa ideia de criação no processo tradutório, nos embasamos no conceito de *Desconstrução* de Derrida por De Menezes (2013) que propõe inúmeras releituras de um mesmo termo/texto/discurso dependendo do espaço tempo, tal qual um palimpsesto através do qual a escrita é revigorada não em sua aparência enquanto signo linguístico, mas nas diversas possibilidades e inferências que se pode fazer. Seria como um apagamento do papiro através da raspagem e a reutilização do mesmo material de escrita para servir como objeto/texto em outro espaço/tempo com significados próprios aflorados na releitura que se faz ao traduzir. Esse conceito é muito bem esboçado por Rosemary Arrojo (1986), que, com a metáfora do palimpsesto, apresenta o ato de traduzir como uma (re)escrita que deixa rastros, que

se movimenta no tempo e no espaço, um texto que se apaga e se (re)escreve com outras nuances, a partir de diferentes perspectivas de cultura, de sociedade, de época...

Derrida propõe uma desconstrução para que haja uma “nova construção”, tal qual surge no âmago do já existente, só que de maneira diferente com percepções e significados resultantes da apropriação do olhar alheio.

É interessante verificar que a língua do tradutor aparece como uma *interlíngua*. Aqui, estamos na esteira de Dominique Maingueneau (1995) que, em sua análise do discurso literário, traz esse conceito de língua (literária) específica de quem escreve, isto é, uma língua que se constroi partindo das impressões individuais de cada autor no âmbito de suas referências cognitivas, sociais, políticas, linguísticas, etc. A saber, uma língua que ultrapassa as fronteiras do dizível em seu cotidiano, mas também se apropria desse cotidiano para dizer o que pretende ou se quer dizer. Neste momento, não podemos esquecer das intencionalidades discursivas, ou seja, mesmo sabendo da função primeira da tradução em se estabelecer um laço entre texto de partida e texto de chegada, a intenção, objetivo ou pretensão do autor/tradutor interfere na sua maneira de traduzir. Considerando o porquê, para quem e o para que traduzir.

Evidenciando os elementos linguísticos, textuais e contextuais diversos que se inserem nesse processo, observamos que as escolhas para o ato tradutório não são aleatórias e dependem de fundamentos expressivos na arte de traduzir. Ou seja, o tradutor precisa verificar as diversas possibilidades para efetuar tal processo e muitas vezes se depara com dificuldades em “escolher” tal ou tais palavras a serem transpostas para a língua de chegada. Não é por acaso que tratamos as línguas/culturas envolvidas como de partida e de chegada, o que implica em uma progressão textual, na qual a chegada é o alvo a ser alcançado, ou recurso finalizador da tessitura verbal que se constroi na e pela língua de partida. Um ponto de partida que vislumbra uma chegada. É a concepção clara de uma ação que não se faz estática, mas, pelo contrário, se mantém em movimento em todo o seu processo, como nos lembra bem o próprio sentido etimológico do termo traduzir, que do latim remete à ideia de condução, de realidade móvel, de travessia de um lado para outro.

Ao analisar um texto poético, existem várias peças que são colocadas no jogo como uma partida de xadrez dependente da movimentação feita pelo jogador. Nessa perspectiva de análise, as peças são representadas pelas palavras e expressões escolhidas por quem traduz, mas não apenas isso, pois a sapiência de quem verifica qual ou quais termos, palavras e expressões devem ser utilizadas no ato tradutório é o elemento básico para se alcançar o objetivo primeiro dessa atividade. Reconhecer-se como um autor de um texto cuja função é a “tradutologia”, no sentido literal, é o primeiro passo, não só porque estamos falando de duas culturas distintas que se aproximam por esse aspecto, mas

ainda porque a linguagem tradutória se revela como uma possibilidade interpretativa para aqueles que se interessam pelo tema.

Conforme afirma Lieve Behiels:

Idéalement, après avoir relevé uniquement les instances textuelles où le traducteur fait entendre sa voix, le chercheur devrait expliquer, en faisant appel à des données extratextuelles, pourquoi le traducteur a construit le monde de la traduction tel qu’il nous le présente. Cela implique que la comparaison elle-même se réalise dans un vide contextuel (2012, p. 194).<sup>2</sup>

Nesse sentido, percebe-se claramente que a voz do tradutor emerge do texto que se constroi na tessitura da leitura e apropriação feita na e pela tradução, tendo em vista as escolhas e percepções que unidas trazem à tona o resultado: o texto traduzido.

### 3 Primeiras experiências tradutórias

Conforme aponta Racova (2014), às primeiras experiências tradutórias se apoiam inevitavelmente em estudos contrastivos das línguas, nos quais as traduções eram basicamente sobre a Bíblia, com objetivos específicos de doutrinação para disseminação dos posicionamentos religiosos que dominavam a situação da época no ocidente. Além da tradução bíblica, havia traduções de textos literários, de autores da idade média como Cícero, Horácio, Sêneca, grandes autores da antiguidade clássica que tiveram suas obras traduzidas em várias línguas. Nessa época, é fundamental lembrar que as produções literárias eram em forma de verso, assim como os versículos bíblicos, os quais se apresentam em forma de versos e poesia. Em seguida um exemplo do **Salmo 23**, traduzido em uma das versões do português atual, da Bíblia Pastoral edição de 2014:

#### SALMO 23

##### *Salmo de Davi*

*Javé é o meu pastor e nada me faltará  
Em verdejantes pastagens me faz descansar  
e sobre águas tranquilas me conduz.  
Restaura minha alma  
e me guia por caminhos plenos de justiça,  
por causa do seu nome.*

*Ainda que eu caminhe por vale tenebroso,  
não temerei mal nenhum porque tu estás junto a mim;  
teu bastão e o teu cajado me deixam tranquilo.  
Preparas a mesa para mim diante dos teus inimigos;  
unges minha cabeça com perfume,  
e minha taça transborda.*

*Sim, bondade e fidelidade me seguem  
todos os dias da minha vida,  
e habitarei na casa de Javé  
por dias sem fim.*

(Bíblia Pastoral, 2014, p. 676).

Verificamos através da leitura deste Salmo que a própria estrutura do texto se apresenta de forma poética com dezesseis versos e três estrofes. Além da estrutura que como uma poesia é vista, observamos uma musicalidade característica da leitura do texto em voz alta. Nas missas tradicionais, os Salmos são cantados, demonstrando essa musicalidade poética, o que lembra também a poesia lírica em sua forma original. Os cantos gregorianos, típicos das missas da Idade Média, também utilizavam os Salmos para serem cantados nas igrejas.

Salientamos que nessa versão bíblica, os autores optaram por colocar notas explicativas sobre cada capítulo. As notas não só possuem um significado de esclarecimento, mas também conduz o leitor a uma reflexão sobre o Salmo através do destaque dos versículos 1, 4, 5 e 6, enfatizando que o Senhor-Pastor-Javé-Pai pode tudo e não abandonará jamais o seu filho-ovelha, que estará sempre protegido por ele como deve ser. Interpretando o Salmo 23, um pastor sempre estará disponível e protegendo suas ovelhas de todo e qualquer mal.

Uma outra observação sobre a escolha do tradutor se verifica na nomenclatura da divindade Deus-Javé; veja que em outras versões bíblicas a palavra Javé é muitas vezes substituída por Deus ou Jeová. Tais escolhas podem ser definidas por fatores diversos, os quais dependem da formação cultural, religiosa e linguística de quem traduz. O que não podemos esquecer é que toda tradução tem objetivos bem definidos e propósitos diversos, os quais levam em consideração texto/contexto/leitor/tradutor/tradutor/leitor.

Nessa experiência de tradução bíblica há que se destacar a diversidade de escolhas e interpretações que são postas por inúmeros tradutores em épocas e contextos diferentes. Por ser um livro milenar e complexo, a Bíblia possui suas contradições e leituras tais quais permitem e, ao mesmo tempo, exploram espaços divergentes de leitura. Não estamos aqui a definir aspectos positivos ou negativos nas traduções bíblicas, mas sim, mostrar que o ângulo de visão de cada leitura e interpretação está diretamente ligado à formação cultural, religiosa, social do tradutor, além de outros elementos linguísticos e contextuais.

Se formos analisar pormenorizadamente cada escolha de termo ou expressão e até mesmo de interpretação, veremos que há uma infinidade de possibilidades, o que faz da Bíblia um livro também literário, isso porque já vimos o quanto sua linguagem é repleta de metáforas e significados diversos. Historicamente, encontramos personagens bíblicos reais como o próprio rei Davi, o qual intitula o Salmo, mas que se torna em muitos dos relatos também fictício em sua trajetória de heroísmo e luta. Podemos nos debruçar em vários episódios do livro para tratarmos das escolhas tradutórias, mas nos parece suficiente mostrarmos as dificuldades e implicações no tocante ao trabalho da tradução de textos poéticos em suas nuances mais específicas. Por isso falaremos na sequência desse artigo sobre o Tradutor.

#### 4 O tradutor: um autor em potencial

Todo tradutor é um autor em potencial e não há como escapar dessa definição, pois mesmo que haja elementos que corroboram a suposta imparcialidade de quem traduz como expressões, termos, marcadores linguísticos, entre outros, há de se destacar que a tradução é produto de quem traduz, ou seja é resultado de suas impressões e leituras preestabelecidas ao se deparar com o texto de partida e são elas que darão um formato e sentido ao texto de chegada (a Tradução).

Com isso, não estamos dizendo que a tradução abandona o texto de partida, muito pelo contrário, a tradução se alimenta da tessitura inicial para poder construir seus significados na língua de chegada. Essa apropriação entra em conformidade com a noção de desconstrução de Derrida (2013), pois quando o tradutor/autor desconstrói o texto de partida para reconstruí-lo, fica ali a rasura, o que define aquilo que antes existia como ponto de partida para a meta final. Daí, o porquê das dificuldades e implicações no processo da tradução de poesia, ao percebermos que o texto poético é composto de metáforas, figuras de linguagem diversas e repleto de significados.

Sobre a tradução de textos poéticos, Santana (2022), afirma que:

Articulando os conceitos de **tradução e desconstrução**<sup>3</sup>, vemos ser apropriada uma proposta conceitual sobre o ato de traduzir como **construção, criação e recriação**. [...]

Tradução como **construção** para nós é resultado de uma tessitura verbal, na qual o tradutor, ou autor constroi um texto partindo de uma leitura individual com base no texto de partida. [...]

No que se refere à **criação**, o tradutor parte de sua visão de mundo sobre o texto, apropriando-se da obra como se fosse uma matéria prima a ser lapidada. [...]

Sobre a tradução como **recriação**, a ideia é (sobre) por o texto traduzido ao texto de partida. (SANTANA, 2022, p. 74-75).

Percebemos que os três conceitos (construção, criação e recriação) apresentados pela autora não estão desconectados, ao contrário, eles se complementam e se unem na perspectiva da ideia de tradução e da noção de desconstrução que são referências na sua proposta conceitual. Assim, a tradução é resultado de um processo criativo (texto de chegada) que se estabelece na reconstrução da obra iniciada (texto de partida) como recriação do já visto em um tempo/espaço diferente.

O trabalho do tradutor é árduo e complexo. Requer dele um conhecimento alargado, permitindo uma inserção profunda no texto para que o produto de sua tarefa seja “perfeito”. Destacamos que a perfeição a que nos referimos é o resultado em si da tradução, considerando, o quê, para quê e por quê traduzir; é a acepção etimológica do próprio

termo perfeito, que evoca a ideia de caminho percorrido, trajetória toda feita. Se o texto de chegada alcançou essas metas, concordamos que chegou a sua “perfeição”, visto que, a proposta principal inerente ao texto traduzido foi definida; atingiu-se o percurso proposto.

As escolhas do tradutor dependem de todos esses elementos que sinalizamos anteriormente e sua atuação enquanto leitor em potencial o torna um destinatário do texto, ou seja, aquele que se pretende alcançar como receptor do texto de partida na língua de chegada. Alguém que, provavelmente, encontrará na tradução o que busca do texto de partida: uma teoria específica, um resultado analítico, uma filosofia de vida, um alento, uma descoberta, um significado, uma referência para bases de estudos e pesquisas, uma sustentação para uma afirmação jurídica, entre outras possibilidades que só a tradução permite.

## 5 Considerações Finais

Nossa discussão não se encerra, muito pelo contrário, temos aqui um fio condutor para seguirmos o caminho enigmático do trabalho do tradutor. Tarefa árdua e complexa, mas também rica de significados, potente e iluminadora, no sentido de que traz possibilidades diversas de conhecimento sobre textos e obras de tempos e espaços diferentes, não só em sua perspectiva de leitura primordial, mas como uma em muitas que podem ser questionadas, a exemplo do texto bíblico que aqui apresentamos e que pode ser confrontado com outras traduções e leituras.

É possível que estejamos nos deparando com situações inusitadas, tais quais tomamos como base em nossas leituras até o momento. Talvez, futuramente, com um pouco mais de clareza, nossas convicções sejam mudadas. Se é que de fato estamos apresentando alguma convicção, pois muitas são as interrogações que nos circundam e quanto mais buscamos respostas, nos deparamos com as dificuldades e implicações que norteiam o processo tradutório de forma geral.

A tradutologia nos leva a entender como funciona o trabalho do tradutor, mas ela também abre espaço para essas lacunas e nos faz refletir constantemente sobre o como e o porquê traduzir. No entanto, estamos aqui, dispostos a desvendar o enigma e continuar persistindo em nossa tarefa. Angustiante, mas prazerosa. Isso porque os movimentos e as interlocuções possíveis, graças ao trabalho que desenvolvemos, nos trazem possibilidades diversas de aprendizado e conhecimento, além do autoconhecimento que é possível através do processo tradutório.

Em suma, continuamos nosso “embate”, trazendo as diversas possibilidades que permeiam o ato tradutório em sua essência, fazendo, a cada situação, uma reflexão incansável e persistente, entendendo ser uma atividade que não se esgota em si mesma, mas sim, abre caminhos diversos para outras formas de traduzir e pensar a tradução como uma possibilidade de se auto conhecer através da alteridade existente nas duas culturas envolvidas nesse processo.

Entendemos que traduzir poesia não é uma tarefa apenas “difícil”, mas complexa e instigante como já expomos acima, no entanto, a palavra “difícil” é colocada por nós, não como um impedimento para exercermos essa função de tradutor e sim um desafio que nos proporciona prazer e satisfação ao enfrentá-lo e seguir em frente na luta pelo traduzir, assim como, desenvolver pesquisas no campo da tradutologia.

## Notas

<sup>1</sup>A tradução poética apresenta-se como um caso de “translation”, a saber, uma tradução acompanhada de um comentário, de uma explicação contextual, até mesmo metalinguística; o que comporta a ideia de que a poesia, sendo uma experiência singular de caráter universal, é ligada a seu contexto, sua época, sua língua e, definitivamente, a tradução, assim como sua recepção, tem seu tempo. (Tradução nossa)

<sup>2</sup>Idealmente, após ter destacado unicamente as instâncias textuais nas quais o tradutor se faz visto, o pesquisador deve explicar, utilizando-se de dados extratextuais, porque o tradutor realizou a sua tradução daquele modo determinado. Isso implica dizer que a comparação, ela mesma, se efetiva a partir de um vazio contextual. (Tradução nossa)

<sup>3</sup>O conceito de tradução de ARROJO (1997) e Desconstrução de DERRIDA segundo De Menezes (2013).

## Referências

- ARROJO, Rosemary. *Oficina de tradução: a teoria e a prática*. São Paulo: Ática, 1986.
- BEHIELS, L. De la traduction comme interprétation et construction. *La Flamme d’amour vive de Jacques Ancet et la Llama de amor viva de Jean de la Croix*. Meta, 57(1): 177-197, 2012. <https://doi.org/10.7202/1012748ar>.
- BIBLIA PASTORAL. Tradução: Antonio Carlos Frizzo, Donizeti Scardelai, José Ademar Kaefer, e Leis Gonzaga do Prado. São Paulo, Editora Paulus, 2014.
- CAVALCANTI, Guido (a cura di). Rima. Turin: Einaudi, 1967.
- DERRIDA, Jacques. Qu’est-ce qu’une traduction relevante? In: QUINZIÈMES ASSISES DE LA TRADUCTION LITTÉRAIRE (Arles, 1998), Arles, Actes Sud, 1999.
- ETKIND, E. Un art en crise. Essai de poétique de la traduction poétique. Lausanne: L’Âge d’Homme, 1992.
- OSEKI-DÉPRÉ, Inês. *Théories et pratiques de la traduction littéraire*. 2ème éd. Paris: Armand Colin, 2006.

OSEKI-DÉPRÉ, Inês. “D’une traduction amnésique”, à propos de la traduction brésilienne de *Quelque chose noir*, de Jacques Roubaud où ce qui est problématique n’est pas le texte à traduire mais sa réception hors tradition. *Alea, Revue d’Études Néo-Latines*, Rio de Janeiro, 2011.

OSEKI-DÉPRÉ. *Remarques sur la traduction de la poésie*. *Belas Infiéis*, v. 1, n. 2, p. 7-18, 2012.

RACOVÁ, Suzana. *Les théorie de la traduction*. Masarykova Univerzita, BRNO, 2014.

SANTANA, Ady Sá Teles Santana. *Uma abordagem didático-metodológica do ensino de literatura de língua estrangeira: estudos de traduções em língua francesa*. São Paulo: Editora Dialética, 2022.